

O Sistema de Documentação nos Museus

Maria José Vicentini Jorente

Lucinéia da Silva Batista

Nandia Letícia Freitas Rodrigues

Como citar: JORENTE, M. J. V.; BATISTA, L. S.; RODRIGUES, N. L. F. O Sistema de Documentação nos Museus. *In:* JORENTE, M. J. V. (org.) **Acervo revisitado**: intersecções e convergências no redesign de uma coleção díspare. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 69-79. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-140-9.p69-79>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

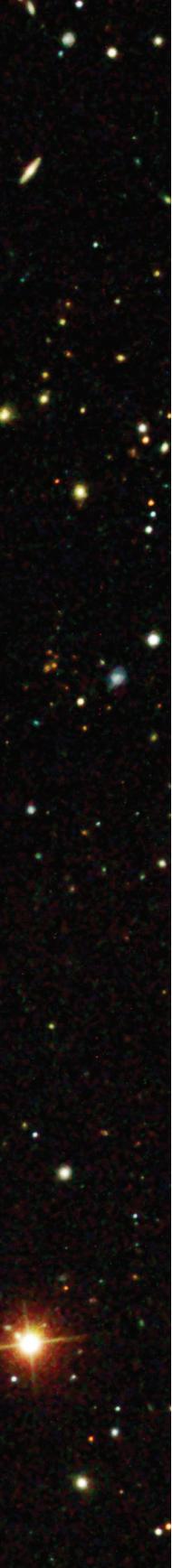
Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A deep space photograph showing a vast field of stars and galaxies. The background is dark, filled with numerous small, distant stars. A prominent, bright star in the lower-left quadrant has a distinct four-pointed diffraction pattern. Other notable features include a large, diffuse, blueish-white nebula or galaxy in the middle-right and a bright, yellowish-white star in the lower-right. The overall scene is a rich, multi-colored stellar population.

“A luz das estrelas não é informação para a comunidade da Ciência da Informação, mas a informação astronômica produzida e utilizada pelos astrônomos é.”

B. Hjørland



**O SISTEMA DE
DOCUMENTAÇÃO
NOS MUSEUS**

○ sistema de documentação nos museus norteia o desempenho das atividades cotidianas, auxilia o processo de gestão e o controle do acervo museológico: a documentação produzida constitui-se em um instrumento de informação e comunicação necessário e indispensável, pois possibilita a preservação e o acesso aos objetos na instituição museológica. A existência de objetos no museu sem a devida documentação tornaria estes espaços meros armazéns de objetos desprovidos de significações e contexto histórico.

Nesse cenário, é necessária a criação de uma documentação para musealizar os objetos que adentram a coleção. Sem essa ação, o objeto não se caracterizará como um objeto de museu, pois somente por meio da atribuição de um valor documental é que se valida a sua incorporação ao acervo museal. A documentação museológica, também, torna possível recuperar as informações sobre os objetos já musealizados. Além disso, oferece suporte às ações de organização, preservação, segurança, controle, acesso, uso e reuso, e auxilia na montagem das exposições e funciona como testemunho jurídico e histórico. Para tanto, um objeto, ao adentrar no contexto museológico, passa por um tratamento documental com vistas à identificação, à extração e ao registro das informações que irão representá-lo dentro do acervo.

○ tratamento de extração de dados dos objetos gera documentação referente a cada item musealizado e, por conseguinte, ao acervo da instituição e a documentação museológica amplia o potencial do objeto museal no que se refere à geração do conhecimento. Prática muito antiga, a documentação passou por significativas modificações ao longo do tempo. Inicialmente, referia-se, meramente, aos registros primários dos itens, que asseguravam a sua posse, controle e salvaguarda pela instituição. Porém, com o tempo, o panorama, gradualmente, se modificou.

Contemporaneamente, no processo de tratamento documental, a extração dos dados representativos de cada item de acervo dos museus deve ser baseada em estruturas técnicas

especializadas, de acordo com um conjunto de padrões, normas e convenções que orientam o processo descritivo dos objetos. Nelas, evidenciam-se características intrínsecas e extrínsecas ao objeto, por meio da descrição dos itens em uma ficha catalográfica, que deverá considerar toda a sua trajetória de vida (desde a sua existência anterior a adentrar o museu, até a sua ressignificação ao ser incorporado no novo contexto).

Além disso, as informações sobre os objetos musealizados devem ser constantemente atualizadas a cada nova ocorrência, tais como exposições, empréstimo, transferência, pesquisas e intervenções de conservação e restauro. Cada objeto é único dentro de uma coleção e é, por meio da descrição completa e exaustiva das informações referentes a cada item, que se torna possível a sua individualização dentro do acervo. A sua descrição deve destacar aspectos físicos, de mediação, de marcação, de manipulação, de forma de registro de imagens e de contabilização nas coleções.

A partir da Oficina Internacional de Museus (OIM), em 1927, observaram-se as primeiras iniciativas de padronização no âmbito da documentação museológica, com a recomendação da utilização de etiquetas e fichas catalográficas para o intercâmbio de obras. No entanto, somente depois de 1946, com a criação do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e, posteriormente, em 1950, com a criação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC), pelo ICOM, é que se verificou o estabelecimento de uma padronização da documentação de diferentes tipologias de acervos.

Na primeira metade da década de 1960, com modelos de padronização projetados pela bibliotecária Yvonne Oddon, o CIDOC consolidou a padronização e compatibilidade dos registros dos acervos, com recomendações de utilização de fichas catalográficas, etiquetas-padrão de identificação dos objetos e inventários pelos museus. Na segunda metade de 1960, se iniciaram discussões sobre a adoção de técnicas e sistemas para tratar a documentação museológica. A informatização da

documentação museológica deu início a uma nova era, ao se assumir os museus como fontes de informação e pesquisa.

Com relação ao registro documental, no período entre 1993 e 1995, se desenvolveu e se publicou um modelo descritivo com diretrizes internacionais. O modelo era composto por 22 grupos de informações básicas, cada um contendo uma ou mais categorias, com base em experiências e discussões realizadas em anos anteriores durante fóruns e reuniões com os membros e grupos de trabalhos do CIDOC.

No novo contexto, viram-se na informática possibilidades de solucionar problemas de organização de dados, de controle, de segurança, de recuperação e de acesso à informação. A informática também pôde otimizar as funcionalidades das atividades administrativas da instituição, a partir da implementação de sistemas de documentação; e a adoção dos bancos de dados para o registro informatizado, gerenciamento e divulgação dos acervos se tornou uma prática frequente.

Quadro 1 - Diretrizes de informação sobre objetos de museus (CIDOC)

Grupos de informação das Diretrizes	Categorias de cada grupo
1 - Informação de aquisição	Meio de aquisição Data da aquisição Fonte de aquisição
2 - Informação sobre a condição	Condição Resumo da condição Data da condição
3 - Informação de transferência e eliminação	Data da transferência Data da eliminação Método de eliminação Destinatário de eliminação
4 - Informação de descrição	Descrição física Status da amostra Tipo de imagem
5 - Informação da imagem	Tipo de imagem Número de referência da imagem

Grupos de informação das Diretrizes	Categorias de cada grupo
6 - Informação da Instituição	Nome da Instituição Nome da subdivisão da Instituição Endereço da Instituição País da Instituição
7 - Informação da localização	Localização atual Tipo de localização atual Data da localização atual Localização normal
8 - Informação de inscrição e marca	Texto da inscrição/marca Tipo de inscrição/marca Descrição de inscrição/marca Técnica de inscrição/marca Posição de inscrição/marca Linguagem da inscrição/marca Tradução da inscrição/marca
9 - Informação de material e técnica	Material Técnica Descrição da parte ou componente
10 - Informação de medidas	Dimensão Medida Medida unitária Parte medida
11 - Informação de objeto associado	Lugar associado Data associada Nome da pessoa/grupo associado Tipo de associação Função original
12 - Informação da coleta dos objetos	Lugar da coleta Data da coleta Coletor Método de coleta
13 - Informação da entrada do objeto	Proprietário atual Depositante Data de entrada Número de entrada Razão de entrada
14 - Informação do nome do objeto	Nome do objeto Tipo de nome do objeto Autoridade do nome do objeto
15 - Informação do número do objeto	Número do objeto Tipo de número do objeto Data do número do objeto

Grupos de informação das Diretrizes	Categorias de cada grupo
16 - Informação da produção do objeto	Lugar de produção Data de produção Nome da pessoa/grupo de produção Regras de produção
17 - Informação do título do objeto	Título Tipo de título Tradução do título
18 - Informação do componente e parte	Número de partes ou componentes Descrição de partes e componentes
19 - Informação de registro	Arquivista Data do registro Autoridade
20 - Informação de referência	Referência Tipo de referência
21 - Informação de direitos de reprodução	Nota de direito de reprodução Proprietário do direito da reprodução
22 - Informação resumida do assunto- uso controlado de termos	Assunto representado Descrição do assunto representado

A museologia engendrada no contexto dos avanços tecnológicos se defrontou com uma nova problemática a ser solucionada pelas instituições museológicas no seu movimento em direção à promoção do acesso às suas coleções. Tornou-se urgente a necessidade da adoção de softwares específicos que atendessem a complexidade dos acervos, e que, também, seguissem padrões para realização do tratamento descritivo de objetos museais. Assim, a museologia assumiu novas perspectivas na dígito-virtualidade e na adoção de espaços híbridos para o compartilhamento de informação dos acervos museológicos.

Na contemporaneidade, evidencia-se, ainda, a preocupação latente com os novos desafios da gestão dos acervos de museus e as questões da documentação museológica, suscitados pelo uso crescente das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).





A recorrente necessidade do desenvolvimento e aprimoramento de instrumentos, metodologias, sistemas e softwares especializados para a organização, preservação e acesso da informação na era digital, também, se evidencia.

As TIC são recursos com grande potencial agregador/integrador na gestão museológica, sobretudo se inseridas junto à área de documentação da instituição. A sua incorporação aos procedimentos da documentação museológica potencializa o desenvolvimento de soluções práticas para possíveis problemas no gerenciamento das coleções, especialmente no que tange ao desenvolvimento de sistemas integrados de gestão de acervo.

Para que essa integração ocorra com eficiência e eficácia, é necessário que as equipes interdisciplinares envolvidas no processo tenham amplo conhecimento sobre as coleções do museu e suas composições; sobre os públicos potenciais e suas necessidades e hábitos de buscas de informação; que seus membros dialoguem entre si; e, assim, desenvolvam sistemas mais flexíveis e dinâmicos para otimizar a produção, a representação e o compartilhamento da informação nesses sistemas, convergidos e interoperáveis.

Nesta perspectiva, ao voltar-se às questões em torno da preservação e do acesso a Ciência da Informação (CI), nos últimos anos, tem discutido estratégias e métodos para o armazenamento e a preservação, para os processos de digitalização de acervos e para as novas formas de organizar e disponibilizar informação em sistemas digitais. Desafios que vão além de suas subáreas - a arquivologia, a biblioteconomia e a museologia - ao demandar a atuação interdisciplinar nos ambientes de arquivos, bibliotecas e museus. Tais desafios exigem a convergência de conhecimentos de profissionais de diversas áreas, como os das tecnologias da informação.

Tendo em vista que o setor de documentação no museu é, assim, um setor de convergências com a arquivologia, observa-se que um software, como o AtoM, pode ser adaptado às necessidades do subsistema de documentação museológica.

○ AtoM, um sistema de representação da informação

documental por meio de descrição arquivística, foi criado para promover ambientes de acesso baseado em normas internacionais e desenvolvido com o suporte do *International Council on Archives* (ICA). Gratuito, conforma-se de acordo com as premissas de um software livre, multilíngue, multi-repositório, customizável, beta perpétuo, interoperável, com acesso via Web. Nele, destacam-se as possibilidades de proporcionar uma descrição eficiente dos documentos e a facilidade de interoperabilidade com outros sistemas.

Ao propiciar a descrição de acervos memoriais, por meio da representação padronizada da informação, viabiliza o acesso e o compartilhamento dos dados e da informação. Como o AtoM possui modelos descritivos que permitem um tratamento amplo, exaustivo, padronizado e com base em normas internacionais, atende as diretrizes propostas pelo CIDOC para o tratamento documental nos museus.

O Estatuto Brasileiro de Museus enfatiza o caráter arquivístico desses registros ao tratar da obrigatoriedade das instituições museológicas quanto à documentação dos seus acervos para promover a preservação, a recuperação e o reuso da informação. Tendo em tela a documentação produzida a partir do registro das informações contidas nos objetos, a aplicação de normas arquivísticas no tratamento documental, para fins da sua preservação, custódia e normalização, é justificável e necessária. O resultado derivado pode atingir um nível de proteção do acervo ao adotar processos de arquivamento digital já automatizados em soluções tecnológicas validadas pela Arquivologia.

Portanto, o software AtoM possibilita o registro informacional de objetos de museu de forma eficiente e eficaz para representar acervos de maneira satisfatória no ambiente digital. Além disso, apresenta muitas funcionalidades que o tornam flexível na sua adaptação ao contexto museológico para responder às possíveis emergências sistêmicas, ao evidenciar as possibilidades de interdisciplinaridades entre o fazer arquivístico e museológico.

A aplicação do AtoM para a descrição de acervo museológico responde às questões básicas de representação da informação de acervos de memória, pois propicia a padronização dos metadados, a exaustividade das descrições, a compatibilidade, e a possível adequação dos elementos da diversidade compreendida nos objetos de museus aos, também, diversos campos descritivos.

Quadro 2 - Elementos descritivos do AtoM

Zonas	Elementos
Zona de identificação	Identificador Título Datas (tipo) Nível de descrição Adicionar níveis inferiores Sub-elementos (Identificador) Nível Título Datas do recurso relacionado
Zona de contexto	Nome de produtor (s) Entidade detentora História do arquivo Fonte imediata de aquisição ou transferência
Zona do conteúdo e estrutura	Âmbito e conteúdo Avaliação Seleção e eliminação Ingressos adicionais Sistema de organização
Zona de condições de acesso e utilização	Condições de acesso Condições de reprodução Idioma do material Script do material Notas ao idioma e script Características físicas e requisitos técnicos e instrumento de descrição
Zona de documentação associada	Existência e localização de originais Existência e localização de cópias Unidades de descrição relacionadas Notas de publicação

Zonas	Elementos
Zona das notas	Notas
Pontos de acesso	Assuntos Locais
Zona de controle da descrição	Identificador da descrição Identificador da instituição Regras e convenções Estatuto Nível de detalhe Data de criação Revisão e eliminação Línguas e escritas Script(s) Fontes e notas do arquivista
Zona de administração	Língua original Esquema padrão de exibição

Nessa tela, o paradigma pós-custodial vigente, ao considerar a importância do acesso, amplia o paradigma anterior, custodial e técnico-científico, ao legitimá-lo. Na ampliação do paradigma custodial, é possível utilizar um sistema de descrição do AtoM, de maneira convergente ao armazenamento e ao inventário, regidos por um sistema de preservação digital (Archivematica), o que preservará a informação a longo prazo.

É por meio de tais ações que as instituições museológicas são inseridas no paradigma pós-custodial ao cumprir com a missão do compartilhamento da informação na Web, acessada em qualquer tempo e lugar.

Maria José Vicentini Jorente
Lucinéia da Silva Batista
Nandia Letícia Freitas Rodrigues



Item E/23
Côvo (cesta para pescar)

